

RELAÇÃO ENTRE INFERÊNCIA LEXICAL, PONTO DE VISTA E TEMA

E. R. Henriques (UNICAMP)

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que os itens lexicais-chave se acham estreitamente ligados ao ponto de vista e, conseqüentemente, ao significado do texto. Antes de exemplificarmos, vamos fazer algumas considerações sobre o papel do autor e do leitor (essenciais na interação autor/leitor/texto). Já que a produção escrita antecede a leitura de um texto escrito, vale a pena discorrermos um pouco sobre esses processos em conjunto. Escrever implica em (1) fazer escolhas, (2) ordenar as idéias de maneira coerente, (3) fornecer pistas de apoio ao leitor e (4) imprimir unidade ao texto. Ler implica em (1) pensar junto com o autor, (2) seguir as pistas fornecidas, (3) analisar as escolhas feitas pelo autor e (4) interpretar o texto. No entanto, os itens acima não possuem um território próprio, claro e definido. Na verdade, todos se entrelaçam durante cada processo. Por exemplo, o autor escolhe o assunto, que por sua vez está ligado ao tema e ao tom de voz e simultaneamente ao uso de palavras e à própria estrutura do texto. O leitor, ao pensar junto com o autor, já está seguindo (consciente ou inconscientemente) as pistas fornecidas e já está analisando certas escolhas e, por isso mesmo, já está interpretando o texto (ou partes significativas do mesmo). Dito isso, passemos, então, aos exemplos. Escolheremos três tipos de texto (expositivo, argumentativo e narrativo) para uma análise de itens lexicais essenciais na determinação do ponto de vista e do tema:

TEXTO I

A revolução de 31 de março

Diante desse panorama, os líderes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, bem como os governadores estaduais de tendências democráticas, organizaram-se para resistir ao Presidente e aos seus amigos vermelhos. Assim, em 31 de março de 1964, irrompeu em Minas Gerais um movimento armado para depor Goulart. A rebelião, feita pelas Forças Armadas e contando com o apoio da maioria do povo brasileiro, estendeu-se rapidamente a todo o País. Goulart e os principais chefes comunistas fugiram para o estrangeiro. Na madrugada de 2 de abril, o congresso

Nacional declarou vago o cargo de Presidente da República, entregando-o provisoriamente, mais uma vez, ao deputado Ranieri Mazzilli (Michalany et al., p. 361).

Nesse texto, o autor coloca que alguns governadores com "tendências democráticas" ajudaram os líderes do exército, da marinha e da aeronáutica a deporem o presidente Goulart em 1964. Assim, para assegurar a democracia no país, as forças armadas, com o apoio desses líderes nacionais e também da maioria do povo brasileiro, derrubaram o presidente juntamente com seus amigos comunistas. Esse é o ponto de vista de um simpatizante do movimento ditatorial de 31 de março.

Mas a palavra ditadura não é mencionada no texto. O texto trata apenas de dois conceitos essenciais: democracia e comunismo, que são importantes para a compreensão do texto e que só podem ser interpretados contextualmente. Desta forma, "democracia" não pode ser entendida conceitualmente, ou seja, como um regime político que se caracteriza pelo direito do voto, pela divisão do poder e pelo controle da autoridade. No contexto acima, democracia é a união das forças armadas com o objetivo de depor um presidente eleito pelo povo e de implantar um regime autoritário.

Em suma, a expressão "tendências democráticas" se refere às tendências políticas de certos líderes, que, na verdade, eram autoritárias, e a expressão "amigos vermelhos" se refere aos correligionários de Goulart (que, na realidade, eram democráticos). Nesse texto, então, o leitor infere que ditadura significa democracia, e democracia significa comunismo. Assim, para que o leitor entenda o texto, é necessário que ele perceba o significado desses itens lexicais-chave nesse contexto específico, que reflete o ponto de vista de um autor com "tendências autoritárias."

Passemos agora ao segundo texto, tirado da revista Time:

TEXTO II

Who is Hispanic?

In your cover story on Los Angeles, America's uneasy new melting pot, I notice that Time calls all Spanish-speaking people in America "Hispanics" [June 13]. I question your use of the term. The only people who can legitimately call themselves Hispanic are those who are white and come from the Iberian peninsula of Spain and Portugal, which is the land of "Hispania." If anyone who speaks Spanish is, as you say, a Hispanic, by the same logic all English-speaking Americans, whether they be white, black, mulatto or Indian, should be called Anglos (Time, p.6).

No Texto II, o autor questiona o uso da palavra "hispanico." Segundo ele, a revista Time chama todos os falantes de espanhol que moram na América de "hispanicos." Em seguida, o autor argumenta que "hispanicos" são pessoas de cor branca originárias da Península Ibérica (Espanha e Portugal), a terra da Hispânia. Mais adiante acres-

centa que se todo falante de espanhol for hispânico, pela mesma lógica, todo americano (preto, branco, mulato ou índio) deverá ser chamado de anglo.

A partir desse texto, vamos analisar a importância do léxico num contexto mais amplo, o cultural, e a seguir vamos interpretar o texto levando em conta o ponto de vista do autor. Quem nasceu ou morou nos Estados Unidos sabe que no contexto americano, o termo "hispânico" se refere a todos os falantes de língua espanhola ou portuguesa e a todos os descendentes de espanhóis ou portugueses (falantes ou não das respectivas línguas). No contexto do autor, hispânicos são apenas os espanhóis e portugueses (de cor branca, e originários da Península Ibérica). O fato de o autor contestar o uso da palavra "hispânico," tal qual usada no contexto americano, e o fato de ele oferecer o significado da palavra no contexto ibérico nos levam a inferir que ele é de descendência ibérica. Assim, para que compreendamos o texto, é imprescindível percebermos que o autor é "hispânico" e que não aceita o uso (a seu ver indevido) dessa palavra da forma como é usada nos Estados Unidos. Também nesse texto, fica clara a importância do ponto de vista do autor na apreensão do significado.

O terceiro e último exemplo é um texto narrativo. Aqui, a questão do ponto de vista é bem mais complexa, devido à figura do narrador. Resumidamente, poderemos analisar o narrador em primeira pessoa de acordo com (1) suas limitações, (2) suas escolhas e (3) seu papel na narrativa. Poderemos dizer que o narrador se acha limitado pela sua personalidade, pelos seus valores, pelo meio socio-cultural e até pela idade. Por exemplo, um assalto a banco terá nuances bem específicas quanto ao próprio episódio, à linguagem usada para descrevê-lo e ao próprio terra se for narrado por um dos assaltantes, ou pelo presidente do banco, ou por uma criança retida como refém durante o assalto. Quanto ao segundo item acima, poderemos resumir as escolhas feitas pelo narrador da seguinte forma. Basicamente, o narrador deve escolher o assunto, as personagens e o método. Dizemos que essa escolha cabe ao narrador por ser o seu mundo (e não o do autor) que se acha em evidência. Assim, não poderemos dizer que uma afirmação de um narrador expresse o pensamento do próprio autor, simplesmente porque autor e narrador em textos narrativos nem sempre são a mesma pessoa (principalmente no nosso século). Sem dúvida, o autor "real" do texto é o próprio autor, mas o autor "implícito" é o narrador. Por isso, cabe ao escritor ser convincente a tal ponto que o leitor possa interagir diretamente com a personagem. Voltando à questão das escolhas, deveremos acrescentar que, ao escolher o assunto, o narrador já direciona a linha temática da narrativa. Tanto o assunto quanto o terra vão envolver personagens, escolhidas especificamente para aquele fim. No que se refere ao método (cronológico ou retrospectivo), este estará diretamente ligado à estrutura do texto e à intenção do narrador. Por exemplo, para criar um certo suspense na narrativa, o melhor método seria o cronológico, que apresenta os acontecimentos na ordem em que aconteceram. Finalmente, quanto ao terceiro item mencionado acima, deveremos especificar em linhas gerais, que o narrador pode exercer o papel de observador (limitando-se a observar as personagens em ação), o de participante em primeiro plano (reservando-se o direito de observar e também de participar da ação como um dos personagens principais) e o de

participante em segundo plano (assumindo um destaque secundário na ação). O texto abaixo exemplifica sucintamente um pouco da complexidade do ponto de vista narrativo:

I remember that when I was a boy, I used to go to see Tarzan movies on Saturday. White Tarzan used to beat up the black natives. I would sit there yelling, "Kill the beasts, kill the savages, kill 'em!" I was saying: kill me. It was as if a Jewish boy watched Nazis taking Jews off to concentration camps and cheered them on. Today, I want the chief to beat the hell out of Tarzan and send him back to Europe (Stone and Bell, p. 73).

Para o texto acima, vamos oferecer a seguinte tradução:

Lembro-me de que, quando menino, eu costumava ver filmes de Tarzan aos sábados. O Tarzan branco sempre batia nos nativos pretos. Eu ficava sentado, gritando: "Acaba com esses animais, acaba com esses selvagens, acaba com eles!" Eu dizia, "Acaba comigo!" Era como se um garoto judeu visse os nazistas levando judeus para campos de concentração e ainda aplaudisse. Hoje, eu quero que o chefe deles dê uma surra daquelas no Tarzan e que o mande de volta para a Europa.

No texto acima, o mesmo episódio é visto sob três pontos de vista diferentes: (A) o do garoto, (B) o do adulto analisando o ponto de vista do garoto e (C) o do adulto se analisando. À medida em que o ponto de vista narrativo muda, o leitor é levado a inferir o significado das palavras "branco" e "preto" tendo em vista essa mudança. Do ponto de vista do garoto, o que acontecia nos filmes de Tarzan era apenas a luta entre o herói (branco e bonito) e os vilões (pretos e feios). Do ponto de vista do adulto, anos depois, agora refletindo sobre suas atitudes do passado, o que ele aplaudia inocentemente era a vitória de Tarzan (branco) sobre os nativos (pretos). Aqui, o narrador já tem consciência das diferenças de cor e atribui valores às cores. O branco Tarzan e os nativos pretos não são brancos ou pretos circunstancialmente. O que ele, quando garoto não conseguia perceber, é que os filmes mostravam a supreracia da raça branca sobre a negra.

Logo a seguir, o narrador analisa sua reação de criança ao torcer pelo Tarzan ("Kill the beasts!") e a interpreta como auto-destrutiva ("Kill me!"). Ele se identifica, desta feita, com os nativos (pretos). Nesse contexto, o preto é o perseguido, o discriminado.

Por fim, o narrador adulto reflete agora sobre o que, em sua opinião, deveria acontecer com o Tarzan. Analisando essa parte da história fora de seu contexto global, vemos que o narrador deixa implícito que o Tarzan (o opressor) deve receber dos nativos (os oprimidos) uma boa lição antes de retornar à Europa (branca).

Como vimos, os textos acima ilustram muito clara e brevemente o papel da inferência lexical e do ponto de vista na compreensão do texto. Através do uso de palavras, o autor (ou narrador) fornece pistas ao leitor para que este chegue à compreensão do

texto. Quando falamos, então, em pistas textuais (extrínsecas, como "hispanico" no Texto II, ou intrínsecas, como "preto e branco" no Texto III) que levam à depreensão do tera, não poderos, evidentemente, deixar de lado a questão do ponto de vista. As pistas extrínsecas são fornecidas e as intrínsecas são sugeridas pelo autor (ou narrador) do texto. Extrínsecas ou intrínsecas, essas pistas se acham ligadas ao tera, por serem partes integrantes das idéias propostas pelo autor e, por isso mesmo, devem ser examinadas a partir do ponto de vista do autor (ou narrador).

BIBLIOGRAFIA

BOOTH, Wayne C. The Rhetoric of Fiction. Chicago: U. of Chicago Press, 1975.

BREMER, William F. "Literary Theory, Rhetoric, and Stylistics: Implications for Psychology." Theoretical Issues in Reading Comprehension: Perspectives from Cognitive Psychology, Linguistics, Artificial Intelligence, and Education. Rand J. Spiro, Bertram C. Bruce and William F. Brewer, eds. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980, pp. 221-239.

CARTON, Aaron S. "Inferencing: a Process in Using and Learning Language," The Psychology of Second Language Learning. Pimsleur and Quinn, eds. Cambridge: Cambridge U. Press, 1975, pp. 45-58.

GARCIA-ESPINA, Carlos. "Who is Hispanic?" Time 25 July 1983:6.

MICHALANY, Douglas e Ciro de Moura Ramos. Curso de estudos sociais. Brasília: Gráfica Editora Michalany, 1973.

STONE, Wilfred and J. G. Bell. Prose Style: A Handbook for Writers. New York: McGraw-Hill. 1977.